

NOSSA AGECEF

O Jornal da Associação dos Gestores da Caixa - Bahia

Nº 86 - NOVEMBRO 2021



PRESIDENTE: CARLOS ALBERTO AFONSO COSTA

Epidemia silenciosa

As novas formas de cobrança no trabalho, a pandemia do coronavírus, as mudanças nas relações humanas, as incertezas sobre o futuro fazem explodir as doenças psicológicas, muitas vezes negligenciadas, por conta da dificuldade em identificar os sinais. Com os bancários não é diferente. A categoria tem se sentido cada vez mais triste.

Página 3



FUNCEF

Nada de CNPC 30

Sem segurança sobre a aplicação da resolução 30 do CNPC (Conselho Nacional de Previdência Complementar), participantes e assistidos do REG/REPLAN decidiram, em consulta feita pela FUNCEF, que o melhor é manter os atuais prazos e taxas de contribuição extraordinária do plano de equacionamento. Dos 20.064 participantes, 70% preferem deixar tudo como está.

A expectativa era de uma apresentação mais vantajosa, que realmente reduzisse o peso das contribuições no orçamento das famílias. Mas, no fim das contas, o estudo foi decepcionante. O prazo de pagamento ampliaria por muitos anos e a redução da contribuição ex-

traordinária seria muito tímida.

Sem garantias do que poderia vir pela frente, sobretudo se houver algum déficit nos planos - o que já pode acontecer neste ano -, os participantes e assistidos acharam mais seguro manter o equacionamento com os atuais prazos e taxas. Também questionaram a falta de transparência. Os dados apresentados pela FUNCEF deixam muitas dúvidas e não dão garantias de que a aplicação da CNPC 30 seja vantajosa.

Resultado

Ao todo, 60.088 participantes e assistidos do REG/REPLAN estavam aptos a participar da consulta, realizada no início do mês. Mas, somente 33,39% responderam. O quórum mínimo estipulado pela FUNCEF para validar o questionário era de 20%.

Do REG/REPLAN Saldado, participaram 18.290 e 68,38% votaram pela manutenção da atual regra. Do Não Saldado, votaram 1.774 e 81,34% optaram por seguir com o equacionamento como está.

O levantamento queria saber sobre a viabilidade de implementação da resolu-

ção 30 do CNPC (Conselho Nacional de Previdência Complementar), que possibilita a extensão do prazo, com consequente redução dos valores pagos mensalmente pelos participantes.

Agora, os participantes esperam que a direção da Fundação mantenha os termos dos planos de equacionamento vigentes, sem a extensão do prazo prevista pela CNPC 30. Para isso, contam com os eleitos neste ano para os Conselhos Deliberativo e Fiscal.



Venda de subsidiárias *ameaça* a soberania nacional

Responsável por operacionalizar políticas públicas, a Caixa está sendo ameaçada por manobras do governo Bolsonaro que podem levar ao seu fim. O único banco 100% público do país, apresentou lucros excepcionais nos últimos 17 anos. Mas, a venda das subsidiárias, além de comprometer a instituição, pode acabar com programas sociais que fomentam a economia.

Trocando em miúdos. A Caixa divulgou lucro líquido de R\$ 10,8 bilhões no primeiro semestre deste ano. No entanto, o balanço de fato foi R\$ 5,3 bilhões. Os demais R\$ 5,5 bilhões foram resultados da venda da Caixa Seguridade e de ações do Banco Pan.

A estratégia usada pela atual gestão da empresa, sob o comando do governo Bolsonaro, é a de inflacionar os dados, em uma aventura privatista, que no fim das contas só vai onerar o Estado e comprometer a capacidade de o Brasil retomar o crescimento.

Para ficar claro. Há poucos dias o Banco Central concedeu autorização de funcionamento para a DTVM (Caixa Distribuidora de Títulos e Valores Mobiliários). A notícia seria boa, se o presidente da instituição, Pedro Guimarães, não quisesse transferir os ativos



da asset e fazer o IPO (Oferta Pública Inicial de Ações) ainda no início de 2022, vendendo uma das partes mais estratégicas do banco, que apresentou lucro de R\$ 2,1 bilhões em 2020. Essa política desmonta a Caixa e abre caminho para o seu fim, colocando em risco também o trabalho dos empregados.



É preciso proteger a saúde mental

AGECEFs retomam encontros presenciais

Com a melhora na pandemia do coronavírus e o avanço da vacinação em todo o país, as AGECEFs, aos poucos, retomam as atividades presenciais e como 2021 está acabando e 2022 bate na porta, é hora de planejar as ações para o ano e ampliar os debates sobre condições de trabalho.

O primeiro evento presencial depois de quase dois anos é o Encontro das AGECEFs do Nordeste, que acontece no dia 27, em Pernambuco. Em discussão, os principais problemas enfrentados pelos empregados atualmente. Da AGECEF-BA marcam presença, a presidente do Conselho Deliberativo, Karem Santana Guimarães, o presidente

do Conselho Fiscal, Sâmio Cássio de Carvalho Melo, o diretor de Comunicação e Marketing, Érico César Gomes Jesus e o diretor Institucional, Rogério Magalhães da Silva Teixeira.

Dias depois, mais precisamente 04 e 05 de dezembro, em São Paulo, acontece a reunião de planejamento estratégico da FENAG, com a participação de todas as AGECEFs do país. Representam a Bahia, o presidente da AGECEF, Carlos Alberto Afonso Costa, a diretora de Eventos e Educação, Cristiane Sousa Alencar, o diretor de Comunicação e Marketing, Érico César Gomes Jesus e o diretor Institucional, Rogério Magalhães da Silva Teixeira.

Levantamento do Dieese (Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos), feito com base em dados da Previdência Social, revela que, entre 2012 e 2017, os bancos foram responsáveis por 15% dos afastamentos por problema mental.

Quando o recorte é feito por doença, o estudo mostra que 16% das licenças concedidas pelo INSS (Instituto Nacional do Seguro Social) foram decorrentes da depressão. Com a pandemia do coronavírus e o aumento das cobranças por metas, o cenário certamente está mais grave e outra pesquisa do Dieese deixa pistas. O índice de bancários com medo de serem esquecidos ou dispensados do trabalho chega a 56,8% e 65,4% declararam sofrer de ansiedade.

Os dados preliminares do estudo sobre sequelas da Covid-19, feito pela Unicamp (Universidade de Campinas), também li-

gam o alerta. Entre os bancários entrevistados, 45% disseram não se sentir alegre e 67,1% afirmaram que andam com a cabeça cheia de preocupação. Boa parte referente ao trabalho.

A pesquisadora Llorens Serrano, da Universidade Autônoma de Barcelona e do Instituto Sindical de Trabalho, Ambiente e Saúde, chama atenção para o ambiente de trabalho. Uma revisão de 72 estudos mundiais revela que quando se trabalha em condições precárias e com baixo poder de decisão sobre as tarefas, a possibilidade de cair em depressão é de 77%. Se a insegurança trabalhista é elevada, o caso dos trabalhadores brasileiros, a probabilidade é de 71% e de 77% no caso de ansiedade.

Os estudos não deixam dúvidas. Os bancos precisam, com urgência, cuidar da saúde mental dos empregados, oferecendo um ambiente de trabalho mais leve, sem pressão e assédio moral.

Na mesa com a SR

Com o objetivo de debater sobre as condições de trabalho na Caixa, as entidades representativas dos empregados na Bahia estiveram reunidas com a Superintendência Regional, no último dia 17.

Os representantes dos empregados chamaram a atenção para as constantes mu-

danças nas metas e a forma de cobrança. Destacaram a importância em a Caixa dar resultados e ser um banco eficiente, mas denunciaram que, às vezes, a forma como a abordagem é feita, é exagerada, e alertaram para a prática do assédio moral.

O déficit de pessoal também esteve em debate. Para as entidades, a falta de empregados agrava as condições de trabalho, pois sobrecarrega ainda mais os bacários. A Caixa tem atualmente um déficit de cerca de 20 mil trabalhadores. Partici-



param da reunião, o superintendente de Rede da Caixa em Salvador, Rychard Fully, o gerente de Rede Varejo, Marco Queiroz, o presidente do Sindicato, Au-

gusto Vasconcelos, vice-presidente da AGECEF, Antonio Messias, o diretor Sâmio Cássio, além do secretário geral da Federação, Emanuel Souza.

Preconceito nas empresas prejudica a mulher

Ser mulher não é fácil. A sociedade espera que seja delicada e boazinha. E, se não seguir as regras é logo tachada de alguma coisa. Não há um meio termo. É tudo 8 ou 80. Como não podia deixar de ser, no ambiente corporativo é a mesma coisa. Os preconceitos aparecem de todas as formas. Para se ter ideia, os indicadores brasileiros colocam o país entre os mais desiguais do mundo na questão de gênero.

Embora elas sejam maioria nas universidades e representam 40% da força do trabalho, não alcançam os maiores sa-



lários e permanecem na base da pirâmide social. O cenário, ao invés de melhorar, piora.

Novembro AZUL

Cuidados com a saúde do homem

Vergonha, medo, preconceito acometem boa parte dos brasileiros quando se trata sobre o exame de toque - fundamental na detecção do câncer de próstata. Um tabu que precisa ser derrubado. Uma das ações para acabar com o preconceito e ajudar milhões de homens é a campanha Novembro Azul, realizada pelo Instituto Lado a Lado com a Vida (LAL).

Não é à toa que todos os anos, milhares de casos são identificados. De acordo com o Inca (Instituto Nacional do Câncer), o câncer de pró-



tata é o mais comum entre os homens e representa 29% dos diagnósticos de tumores malignos em homens no Brasil. Vale destacar que a doença é silenciosa. Para ajudar a acabar com o preconceito, o LAL criou o 0800 do homem (0800222 2224). Pelo canal, é possível tirar dúvidas e receber orientações sobre a saúde.



Nos últimos 15 anos, o Brasil caiu 26 posições no ranking global de igualdade de gênero do Fórum Social Econômico. Entre as 156 nações avaliadas, o país ocupa a 93ª colocação.

No mercado de trabalho, as mulheres são obrigadas a conviver com o machismo e o sexismo dentro das empresas. Além de lidar com "piadinhas", ainda precisam lidar com rebaixamentos de todos os tipos, inclusive salarial. As disparidades gerais de renda - em média elas recebem 30% a menos do que os homens - e

a ausência em cargos de liderança comprovam a discriminação: elas são só 27% de todos os cargos de chefia nas empresas.

Muitas vezes são subestimadas, consideradas inferiores. Paralelo a isso, ainda precisam lidar com outros preconceitos. Muita gente avalia como normal a mulher parar de trabalhar para cuidar da casa e dos filhos e 30% acaba largando a tão sonhada carreira, segundo pesquisa divulgada pela Catho. Entre os homens, a proporção não passa dos 7%.

É hora de se reencontrar na Confra AGECEF

Os associados à AGECEF-BA estão em contagem regressiva. Depois de quase dois anos de isolamento social, em decorrência da crise sanitária em todo o mundo, é hora de reencontrar os amigos em um ambiente descontraído, fora do trabalho. E o dia de matar a saudade já está definido. É em 7 de dezembro, no Posto 11 Petiscaria, na avenida Paralela, a partir das 19h.

Se você ainda não confirmou presença na Confra da AGECEF, corra. As inscrições podem ser feitas pelo e-mail gaacef@agecefba.com.br.



Não perca tempo e aproveite a oportunidade de curtir esse momento tão esperado.

A noite será de muita descontração, com altos papos e risadas. Não vale falar de trabalho. É para se divertir e ficar na memória. Mas, se ligue. A pandemia ainda não acabou e é preciso seguir todos os protocolos de segurança contra a Covid-19. Portanto, vá de máscara e leve álcool gel.

